

# PÁGINAS

ARQUIVOS & BIBLIOTECAS

## a&b

Tradição  
Inovação

20  
20  
07

GABINETE DE ESTUDOS  
a&b

---

## DEBATE & CRÍTICA

---

ARMANDO MALHEIRO DA SILVA

*Nem o tempo, nem a distância: correspondência entre o Morgado de Mateus e sua mulher, D. Leonor de Portugal (1757-98)*. Transcrição, introdução e notas de Heloísa Liberalli Bellotto. Lisboa: Aletheia Editores, 2007

Para não frustrar eventuais expectativas, convém advertir, desde já, que esta recensão se dirige claramente para alguns aspectos específicos da obra em apreço, deixando de lado a apreciação historiográfica global que a paciente recolha, transcrição, anotação e enquadramento feitos pela Professora Heloísa Bellotto, sem dúvida, requer.

Os personagens principais da narrativa epistolar, tão rica de acontecimentos, de impressões, de tensões e de juízos de valor, sobre circunstâncias vividas, durante largo período de tempo à distância, têm uma presença forte e há muito iniciada na vida da autora, em cuja nota biográfica, impressa na «orelha» da capa, aparecem duas dimensões bem vincadas: uma sólida formação em História Moderna (licenciada e doutorada em História pela Universidade de São Paulo, tendo concluído a tese sobre o governador de São Paulo, D. Luís António de Sousa Botelho); e, em paralelo, a especialização e prática em Biblioteconomia e em Arquivística, com especial ênfase para esta última. Por ser assim, a nota biográfica termina com a indicação «*É autora de diversas obras nas áreas de História do Brasil e da Arquivística*».

Através deste livro, a autora regressou ao estudo de uma figura marcante para a história do Brasil e do Estado de São Paulo (tendo sido o restaurador da referida Capitania), várias décadas após a publicação da sua tese e usufruiu, finalmente, das condições de acesso à documentação que nunca teve quando a estava a preparar. Um retoma, indubitavelmente, como historiadora, mas não é preciso fazer um grande esforço de análise para se captar, logo na sua «Introdução», a sua sensibilidade e militância em prol de Arquivos bem organizados e abertos a todos quantos neles busquem as respostas às suas variadas demandas e interrogações. Estou em posição especial para

poder testemunhar a colaboração entusiasta e generosa que prestou à Equipa do Projecto Arquivo da Casa de Mateus, que teve o privilégio de coordenar a partir de 2002, mostrando, à sociedade, que entre investigadores e arquivistas ou profissionais da informação pode haver cooperação e solidariedade, em vez da famigerada disputa, entre uns e outros, de que os frequentadores de Arquivo guardam episódios e até anedotas...

Posso ainda testemunhar o que folheando o livro facilmente se percebe: trata-se de um trabalho minucioso, elaborado com uma dedicação quase exclusiva, fruto de um labor quase monástico-conventual, que ultrapassou, em muito, a mera leitura paleográfica exemplar e a mera transcrição anotada das cartas, porquanto acrescenta sentido histórico à narrativa dos correspondentes, afastando-se, assim, de um facilitismo e de um modismo patentes no *crescente interesse pela literatura epistolar* (p. 7) e pelo subsequente acréscimo de edições de correspondências, uma vez que é bastante rentável «vender» e disponibilizar, para consumo público ou massivo, a revelação de factos desconhecidos, de pensamentos inusitados e de intimidades delicadas da vida alheia, mesmo que há séculos desaparecida. O objectivo e o empenho árduo de Heloísa Bellotto não passou por este desiderato modista de atracção pelos *best-sellers*, mas pela síntese que combina a continuação e aprofundamento de uma pesquisa sobre o 4.º morgado de Mateus, o marquês de Pombal, e o Brasil Colônia da segunda metade de setecentos, que ocupa lugar de relevo no seu *curriculum* de historiadora, com o destapar ou abrir, de modo ordenado e sério, as múltiplas «arcas encoiradas» onde se escondem «cirandas de papel». Convém, aliás, torna-las inteligíveis para todos.

Não só para alguns, portanto... Não só para o grupo mínimo, ainda que exigente e influente, de estudiosos, mas para um público amplo e heterogêneo que poderá frequentar mais e mais a *internet*, mas que é, e continuará a ser, incapaz de se aproximar de Arquivos, sejam públicos ou privados... Tornar a correspondência acessível a um público anónimo e diverso, quanto aos níveis de instrução e de interesse pela História, é uma tarefa importante, mas difícil, que Heloísa Bellotto se impôs, formulando a questão e dando a resposta:

Dentro do quadro da epistolografia, qual o interesse que pode apresentar, seja para os estudiosos, seja para o público em geral, o conteúdo das cartas trocadas entre marido e mulher, durante quatro decênios, há mais de duzentos anos? Creio residir esse interesse justamente no retrato bastante fiel de aspectos importantes de toda uma época, da evolução de um casamento característico da segunda metade do século XVIII em Portugal, no meio fidalgo, carregado das inerentes questões de cunho social, político, económico e fundiário, demonstrando as relações afectivas

e familiares, assim como os interesses sociais e financeiros em jogo. Um casamento estrategicamente «arranjado», como costumam ser todos nesta época e nesta classe social, que depois pode abrigar (como parece que, efectivamente, se deu no caso em foco) tanto sentimentos de amor e companheirismo, quanto de aversão, rancor e incompatibilidade. Paralelamente, dá-nos um testemunho dos comportamentos de um militar de altos postos de comando, destacado em tempos de hostilidades fronteiriças com a Espanha, e de um senhor rural, testemunhando as suas relações com uma vasta gama de gente que depende dele e de suas terras e que, pela sua notoriedade, acaba por ser designado para ocupar um importante posto no orbe ultramarino português do século XVIII (p. 9).

Explicado o rico potencial para uso vários das 219 cartas lidas, transcritas e anotadas, volto ao tópico que me motivou a fazer a presente recensão. Volto à dimensão arquivística para sublinhar que já está publicado o primeiro volume do Casa de Mateus: *Catálogo do Arquivo* (Vila Real: Fundação da Casa de Mateus, 2005) e aí é possível localizar as cartas seleccionadas pela autora e publicadas: dentro da geração (secção 6) Sousa Botelho Mourão, e, dentro desta, no casal D. Luís António e D. Leonor (subsecção 6.01) deparamos a série [*Correspondência*]: [*cartas expeditas*] (31), [*cartas recebidas*] (1 805) e *copiadores de correspondência (2) de D. Luís António de Sousa Botelho Mourão, solteiro, com a sua mulher e desta viúva, no âmbito da Administração da Casa de Mateus (3 378 fls.)* (p. 129). Condensa-se, nestas breves linhas, um modelo descritivo diferente do geralmente usado para os Arquivos de Família e Pessoais. Ora, esta diferença no modelo descritivo decorre da aplicação da teoria sistémica aos acervos documentais, sejam burocráticos e administrativos, sejam híbridos e mais complexos, como são os produzidos por famílias e pessoas, e tem implicações no comportamento dos utilizadores, que urge serem devidamente avaliadas. É preciso saber se os investigadores, e os outros potenciais interessados, satisfazem melhor e mais depressa as suas necessidades, quando são orientados, com efectiva eficácia, mediante instrumentos de pesquisa desdobrados em dois distintos, mas complementares – o quadro orgânico-funcional e os índices e catálogos, com sumários mais ou menos sucintos das séries, dos documentos compostos e dos documentos simples. A finalidade do dito quadro orgânico consiste em proporcionar ao utilizador a consciência imediata e completa da documentação que existe para os períodos e personagens preferidas. A Professora Heloísa Bellotto conviveu bem com a implementação deste duplo dispositivo de posicionamento e de acesso, tendo, pessoalmente, se declarado satisfeita no papel de utilizadora, previda por prazos e pelo compromisso de cumprimento do projecto perante a Fundação da Casa de Mateus e a Editora. Mas,

a escolha e a adopção de um ou outro modelo de descrição dos documentos suscita questões tão simples, quanto fundamentais: são os inventários e catálogos feitos e concretizados por bibliotecários e arquivistas, a partir de normas e modelos, testados previamente por estudos/inquéritos finos aos utilizadores, ou não dependem deste tipo de abordagem científica? Devem os arquivistas e bibliotecários assumir a contextualização orgânica dos acervos que recebem das mãos dos respectivos produtores ou seus herdeiros ou devem, pelo contrário, deixar que sejam os utilizadores a desempenhar essa tarefa depois de percorrerem as vias impostas por aqueles para chegarem até à informação pretendida? Como conciliar a articulação entre a contextualização orgânica dos documentos e a sua digitalização sistemática, apostada em permitir um acesso *on line* directo e rápido ao conteúdo sem rodeios, nem desvios?

Antes de concluir não posso deixar de trazer, à guisa de nota reflexiva, o facto de a correspondência constituir, hoje e no futuro, tal como é diplomaticamente definida, um tipo informacional em via acelerada de extinção, por força do impacto crescente do correio electrónico na comunicação pessoal e institucional. Destruir cartas para que outros, além dos interlocutores, não tivessem acesso à intimidade do respectivo conteúdo, foi e é prática natural e frequente, mas com a facilidade de apagar *mails*, pelo seu teor ou para não entupirem a caixa de correio, sem que haja a lembrança, ou sequer a conveniência, de fazer cópia, põe em risco uma fonte que biógrafos e historiadores colocam no topo das mais preciosas, por ser ou trazer, como logo no começo da «Introdução» salienta a Professora Heloísa Bellotto, o que de mais genuíno, autêntico, informal decorre da postura do signatário diante da sua mensagem, ao invés dos documentos de natureza oficial ou literária, que ora apresentam marcas de rigidez jurídico-burocrática, ora manifestam plena liberdade estética, ambas *desvirtuam a fidedignidade do «calor da hora» e do «à-vontade», que só as cartas particulares contêm* (p. 7).

Diante de um futuro incerto, urge incitar para que no presente se desvelem as correspondências, mais ou menos antigas, sobretudo para que aprendamos, pensemos, comparemos e nos deleitemos agora e amanhã. Sempre.